Seminário 6: WILLIAMS, Raymond, "A fração Bloomsbury". *Plural* (Online), São Paulo, v. 6, p. 137-168, dez. 1999. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/77127/80996.

Alunos:
Gustavo Soares Pires de Campos
João Gabriel Farias Barbosa de Araújo

Comentário das professoras:

Os alunos procederam neste "seminário" não apenas a uma leitura rente ao texto, mas elaboraram um trabalho mais aprofundado, situando o autor, Raymond Williams, e seu artigo, "A fração Bloomsbury", em um panorama mais amplo, recorrendo a uma literatura de apoio consistente.

Vamos destacar os comentários que respondem mais diretamente ao seminário, sem deixar de mencionar os ganhos que essa leitura ampliada também trouxe.

Na apresentação do autor, Raymond Williams aparece como um intelectual que deve ser compreendido como parte de um grupo intelectual marxista - a New Left - e cuja obra tem um evidente engajamento no sentido da transformação mais progressista do mundo. Destaca-se a renovação do marxismo levada adiante desde os anos de 1950, que não é particular de Williams, mas cuja contribuição é decisiva para o reconhecimento da cultura como um campo fundamental para a compreensão do mundo pós segunda Guerra.

Percebe-se nessa discussão uma tradição do pensamento que passa por Gramsci e Lukács, mas que tem em Williams um ponto de consolidação - reconhecimento esse feito pelos seus próprios pares aliás (cit.: "sendo considerado por Hobsbawm como um dos autores a se tornarem verdadeiros “astros no firmamento da nova esquerda” em meados do século XX").

Nesse sentido, sublinha-se a perspectiva analítica do "materialismo cultural", explicada de maneira muito consistente, recorrendo-se ao texto indicado como leitura de aula, “Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista”(1973), do próprio Williams, e a seus comentadores.

Ao indicarem seu projeto intelectual "Culture is ordinary", que será seguido em toda a sua carreira, reconhecem, apoiados na leitura da sua principal leitora no Brasil, Maria Elisa Cevasco, os elementos que definem a obra de RW:

- a reformulação teórica;
- uma reavalição da tradição (marxista);
- a constituição de um novo campo.

Nessa perspectiva é que Williams contribui para dar a cultura (a superestrutura) um novo lugar dentro da tradição materialista, não tomando a base (econômica) como elemento pre-determinante dessa superestrutura, "mas sim como capaz também de agir sobre a estrutura".

Outro ponto importante que vocês destacam é como a sua própria experiência de classe (filho e neto de operários do país de Gales) marca indelevelmente suas análises - e vocês apresentam com propriedade episódios e também os rendimentos analíticos dela decorrentes, que atuaram na própria leitura da "fração Bloomsbury". Vale destacar aqui que o termo experiência é tomado no sentido proposto por E. P. Thompson, como bem apontado pela dupla.

No ponto "O marxismo cultural de RW" vocês logram aprofundar nesta perspectiva analítica, trazendo para a discussão o conceito gramsciano de "hegemonia", que matizou a dureza das categorias marxistas, fundamentalmente a compreensão da "ideologia" e os sentidos de uma "consciência de classe". O interesse na análise que vocês oferecem está também na possibilidade de ir-se anunciando alguns pontos que serão depois importantes para a análise do texto - por exemplo, quando reconhecem que Williams aponta para a importância das instituições escolares na manutenção das "ideologias", esse é justamente um dos pontos que sua análise do grupo irá recuperar.

Quanto à leitura e apresentação do texto, vocês o fazem de maneira detalhada - apresentando inicialmente a leitura externa, evidenciando seu contexto de produção no âmbito de um seminário sobre a obra do economista J. M. Keynes; sua publicação, e posteriormente seu aparecimento em português, a tradução e a sua nova tradução mais recente. Com esse caminho, dão conta também de tocar na recepção de sua obra e no interesse dela para além do espaço linguístico anglo-saxão (já anunciado na primeira parte do seminário). Apoiados em uma tese recente, estão bem calçados por essas incursões.

Na leitura do texto, a despeito de apontar que não se trata de analisar as obras do grupo, mas sim entender a própria formação e os sentidos do mesmo, esse ponto poderia estar mais evidenciado. Ora, quando analisamos um "produto cultural", e se o analista é um crítico cultural, é no mínimo curioso que a própria obra não se torne objeto - mas talvez a chave esteja justamente na encomenda do texto.

Por fim, vale mencionar o interesse do esforço em pensar o campo da arquitetura e da cidade a partir das proposições de Williams, as análises levantadas sendo, de fato, pertinentes. Nesse esforço, vale pontuar a importância de refletir sobre as diferenças de sentido, que estabelecem tipos de agrupamentos diversos, entre grupo, fração e círculo, bens explorados no trabalho.

O seminário, portanto, cumpre a proposta do trabalho de apresentar o texto em detalhe, relacionando-o com os demais textos de seminário e as aulas ministradas. Dessa forma,

contribui também para a fatura do curso da pós-graduação, compartilhando com os colegas as reflexões que vocês desenvolveram e, no fundo, o seu próprio aprendizado.